

**Willian Douglas Guilherme
(Organizador)**

História e as Práticas de Presentificação e Representação do Passado

Atena
Editora

Ano 2020



**Willian Douglas Guilherme
(Organizador)**

História e as Práticas de Presentificação e Representação do Passado

Atena
Editora

Ano 2020



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
H673	<p>História e as práticas de presentificação e representação do passado [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-075-9 DOI 10.22533/at.ed.759202805</p> <p>1. História – Filosofia. 2. História - Historiografia. 3. Historiadores. I. Guilherme, Willian Douglas.</p> <p style="text-align: right;">CDD 907.2</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book “História e as Práticas de Presentificação e Representação do Passado” reuni 16 artigos entorno de um debate atualizado e propositivo sobre práticas e história. As pesquisas foram organizadas em 4 grupos conforme interesse da obra.

No primeiro grupo, temos três textos que discutem a presentificação e representação do passado do ponto de vista de território, trazendo um diálogo crítico e convidativo ao debate.

Para o segundo grupo, foram selecionados cinco artigos que dialogassem em torno da religião, trazendo ações históricas que permaneceram presentes nos tempos atuais. Polêmicas ou não, as pesquisas contribuem com a quebra de preconceitos e propõem novos olhares.

No terceiro conjunto, agrupei cinco pesquisas que apresentassem um debate relevante para o contexto histórico proposto por esta obra, que é a presentificação e representação do passado. As pesquisas permeiam o século XIX, XX e XXI.

Para o quarto grupo, são três artigos voltados para a discussão histórica por meio da educação. As pesquisas convidam ao olhar dialógico e levam o debate para além da leitura.

Desejo boa leitura a todos!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

I.

CAPÍTULO 1 1

A COMUNIDADE DE CERRO PELADO, FRONTEIRA E HISTÓRIA AGRÁRIA

[José Carlos Sampayo Ferreira](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028051

CAPÍTULO 2 13

A GUERRA DE (RE)CONQUISTA SOBRE O CAMPO MEXICANO E A RESISTÊNCIA TERRITORIAL ZAPATISTA

[Rodrigo de Moraes Guerra](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028052

CAPÍTULO 3 22

ALDEADOS DE PIRATININGA – INDÍGENAS ADMINISTRADOS DE SÃO PAULO COLONIAL (SÉCULOS XVI - XVII)

[Antonio Martins Ramos](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028053

II.

CAPÍTULO 4 33

ANALOGIA DO SÁBADO

[Cleonaldo Pereira Cidade](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028054

CAPÍTULO 5 45

CONTRIBUIÇÕES DE KOSELLECK, RÜSEN E FREIRE PARA O PROFESSOR DE HISTÓRIA QUE ATUE NO ENSINO RELIGIOSO.

[Marcelo Noriega Pires](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028055

CAPÍTULO 6 57

O CAMPO RELIGIOSO “BRASILEIRO” NA OBRA MACHADIANA

[Valdeci Rezende Borges](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028056

CAPÍTULO 7 70

ORIXÁ E NATUREZA: O CANDOMBLÉ NA PERSPECTIVA DECOLONIAL

[Victor Hugo Basilio Nunes](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028057

CAPÍTULO 8 86

O ESPAÇO DE TERREIRO COMO ESPAÇO EDUCATIVO

[Patrícia da Silva Pereira](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028058

III.

CAPÍTULO 9 98

O “LIVRO DE ENTRADA DE IRMÃOS DA IRMANDADE DE N. SRA. DO ROZARIO DOS PRETOS DA FREGUESIA DA CAXOEIRA” – RS, SÉC. XIX

[Henrique Melati Pacheco](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028059

CAPÍTULO 10 113

NETTO ENCONTRA SUA ALMA! UM CAUDILHO DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL NA HISTÓRIA E NA LITERATURA (C.1836-C.1866)

[Cesar Augusto Barcellos Guazzelli](#)

DOI 10.22533/at.ed.75920280510

CAPÍTULO 11 124

O PODER BÉLICO DAS PALAVRAS: O DISCURSO VENCEDOR DOS REPUBLICANOS LIBERAIS NA QUEDA DA MONARQUIA NO BRASIL (1870-1891)

[Daiane Lopes Elias](#)

DOI 10.22533/at.ed.75920280511

CAPÍTULO 12 136

PARA ALÉM DA INVENÇÃO: UMA CRÍTICA AO CONCEITO HOBBSBAWMIANO DE TRADIÇÃO

[Ivan Rodrigo Trevisan](#)

DOI 10.22533/at.ed.75920280512

CAPÍTULO 13 146

FUTEBOL DE BOTÃO / MESA – PASSADO, PRESENTE E FUTURO NA PERCEPÇÃO DO BOTONISTA

[Ary Luiz de Oliveira Peter Filho](#)

DOI 10.22533/at.ed.75920280513

IV.

CAPÍTULO 14 165

PROJETO DE LEITURA E ESCRITA: FÁBULAS POTIGUARA

[Juracy Dayse Delfino Soares](#)

DOI 10.22533/at.ed.75920280514

CAPÍTULO 15 174

PROTAGONISMO POLÍTICO JUVENIL E NARRATIVAS DE HISTÓRIA: PERSPECTIVAS DA APRENDIZAGEM HISTÓRICA PELA *BURDENING HISTORY*

[Jéssica Christina de Moura](#)

DOI 10.22533/at.ed.75920280515

CAPÍTULO 16 189

PERCEPÇÃO SOCIOCULTURAL DO SÉCULO XIX ATRAVÉS DA ANÁLISE DO VESTUÁRIO DE ÉPOCA

[Lilian Patricia Soares Filocreão](#)

DOI 10.22533/at.ed.75920280516

SOBRE O ORGANIZADOR..... 201

ÍNDICE REMISSIVO 202

PROTAGONISMO POLÍTICO JUVENIL E NARRATIVAS DE HISTÓRIA: PERSPECTIVAS DA APRENDIZAGEM HISTÓRICA PELA *BURDENING HISTORY*

Data de aceite: 12/05/2020

Data de submissão: 05/02/2020

Jéssica Christina de Moura

Mestra em História Social - UEL

Londrina, Paraná

<http://lattes.cnpq.br/0385786216390194>

RESUMO: Este artigo apresenta as discussões levantadas na dissertação “Ensino e Aprendizagem Histórica: Narrativas de jovens sobre protagonismo político” defendida no Programa de Pós Graduação em História – mestrado em História Social – pela Universidade Estadual de Londrina. O trabalho realizado está inserido no campo da Educação Histórica na perspectiva da “*burdening history*” ou História “difícil”, a qual procura compreender a importância de temas conflituosos para a formação do pensamento histórico a partir de autores como Borries (2011) e Schmidt (2015). Esses estudos integram parte da pesquisa de Rüsen (2015) sobre a utilidade social do conhecimento histórico e suas dimensões na cultura histórica, principalmente quando confrontadas com acontecimentos relacionados à história tensa e traumática, sendo possível

assim investigar a maneira como jovens alunos aprendem história, possibilitando também compreender como pensam e expressam no meio social a vivência de tais conhecimentos. A partir de um trabalho empírico realizado com alunos da terceira série do Ensino Médio foi aplicado um questionário piloto e um principal acerca do protagonismo político juvenil brasileiro na Ditadura Militar, no Movimento Caras Pintadas (1992) e nas Jornadas de Junho (2013), na perspectiva de compreender o que jovens pensam historicamente a partir de questões que envolvam temas de conflito e política.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Histórica; aprendizagem histórica; história difícil.

JUVENILE POLITICAL PROTAGONISM AND HISTORY NARRATIVES: PERSPECTIVES OF HISTORICAL LEARNING BY BURDENING HISTORY

ABSTRACT: This article presents as discussions raised in the dissertation “Teaching and Historical Learning: Narratives of young people about political protagonism” defended in the Postgraduate Program in History - Master in Social History - by the State University of Londrina. The work carried out is inserted in the

field of Historical Education in the perspective of “burdening history” or “difficult” History, which is the capacity to understand important themes for the formation of historical thought from authors such as Borries (2011) and Schmidt (2015). These studies are part of Rüsen’s research (2015) on the social utility of historical knowledge and its historical characteristics, especially when confronted with events related to tense and traumatic history, making it possible to investigate how young people learn history, enabling also understand how to think and express the experience of such knowledge in the social environment. Based on an empirical study carried out with students in the third grade of high school, a pilot questionnaire and one on the Brazilian youth political protagonism were applied in the Military Dictatorship, in the “Caras Pintadas Movement” (1992) and in the June Days (2013), perspective of understanding what young people think historically from issues involving conflict and politics.

KEYWORDS: Historical Education; historical learning; burdening history.

INTRODUÇÃO

A discussão presente neste trabalho envolve o campo da Educação Histórica na perspectiva de discutir temas a partir da ditadura militar e manifestações políticas. A partir da dissertação *Ensino e Aprendizagem Histórica: narrativas de jovens sobre protagonismo político* - pelo Programa de Pós Graduação em História Social na Universidade Estadual de Londrina - elencamos os principais pontos da pesquisa que estão embasados nos princípios investigativos da pesquisa qualitativa, tornando-se muito importante conhecer o mundo dos agentes educativos, sobretudo o dos alunos.

Entre novas metodologias de ensino que procuram fugir de moldes tradicionais, onde os sujeitos escolares são vistos apenas como recipientes vazios, o campo da Educação Histórica proporcionou atingir os objetivos de pensar o aluno como formador de seu próprio conhecimento. Assim, através desta metodologia pretendemos desenvolver um estudo que procure entender as ideias históricas dos alunos relacionadas à consciência histórica partir da perspectiva política e de temas relacionados à *burdening history*.

A partir do primeiro estudo piloto procuramos conhecer os sujeitos de nossa pesquisa a partir de aspectos sociais, assim como também entender a perspectiva de cada jovem estudado sobre a juventude. No mesmo estudo propomos a construção de uma narrativa a partir de dois momentos históricos – Caras Pintadas (1992) e o das Jornadas de Junho de 2013- caracterizando dois acontecimentos que colocam em voga a participação política juvenil.

Na perspectiva de dialogar com a *burdening history* por meio do estudo exploratório principal, foi aplicado o questionário aos alunos com a intenção de debater um momento marcante na história do Brasil: a Ditadura Militar. A análise desse estudo problematiza as narrativas dos alunos a partir dos conceitos meta-históricos (de segunda ordem) para compreender como pensam historicamente.

EDUCAÇÃO HISTÓRICA COMO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

A Educação Histórica tem o papel de investigar como os alunos aprendem história, um dos objetivos desse campo de pesquisa é buscar a aproximação com a realidade dos professores, dos jovens e das crianças, compreendendo como se relacionam com o conhecimento histórico, a partir de ferramentas que os ajudem a perceber as diversas formas de ver o passado, para que possam ter acesso a saberes, situações e referências práticas e vivências que estimulem consciências críticas (GAGO, 2012, p. 63).

Alguns obstáculos surgem à medida que investigamos sobre o processo de aprendizado histórico, muitos alunos rejeitam estudar história, mesmo não tendo dificuldade e displicência com a matéria. Eles não encontram um contato entre suas realidades e o tempo histórico tal como aparece na narrativa de caráter quase biográfico das nações ou da humanidade. A partir desses problemas a área da Educação Histórica pretende desenvolver um aprendizado onde os sujeitos se reconheçam no tempo no qual estão vivendo, por isso é importante que aprendam a se questionar, e encontrar no passado histórico um meio de resolver as carências do presente.

Aprender História sobre o domínio da Educação Histórica é propor às crianças e jovens uma compreensão mais profunda da vida humana, construindo assim uma forma de esses sujeitos serem capazes de utilizar o conhecimento histórico passado como “orientação temporal para a vida prática de forma historicamente fundamentada” (RÜSEN, 2001, p.12).

Segundo o historiador Peter Lee, o conhecimento adquirido através da aprendizagem histórica deve agir como parte da vida do aluno, por isto a importância de compreender como os alunos aprendem e internalizam a história que aprendem em sala de aula, que podem trazer em si uma “postura crítica em direção aos interesses e demandas da vida prática” (LEE, 2006, p. 135).

Ensinar para a vida prática se torna o desafio de ver o mundo de maneiras novas e mais complexas. Em *Literacia Histórica e História Transformativa* (2016), Peter Lee propõe pensar na atuação da maneira de aprender como uma reorganização cognitiva, “a realização da aprendizagem histórica torna-se algo que transforma a sua visão e permite possibilidades de ação que tinham sido até então – literalmente – inconcebíveis” (LEE, 2016, p. 116).

O autor indaga ainda sobre o papel da história a partir dessa perspectiva transformativa, e quais mudanças são perceptíveis a partir dessa maneira de aprender História. Volta-se ao ponto de que não se deve ver o conhecimento do passado como sendo o acúmulo de fatos ou de histórias, que nada servem para as situações do presente. “As transformações provocadas pelo conhecimento histórico são muitas vezes complexas e matizadas, porque elas frequentemente envolvem relações recíprocas entre o passado e o presente” (LEE, 2016, p. 139).

Ver a história como uma forma pública de conhecimento é válido para que pensemos também qual o papel da educação como um todo na formação de crianças e de jovens e o que levam da escola para a vida adulta. Essa discussão se torna para nós, professores, uma carência urgente da nossa profissão, e é importante também para a formação das próximas gerações. É por meio desta perspectiva de aprendizagem e da formação de uma consciência crítica que se desenvolveu este estudo, propondo assim investigar como os alunos aprendem história sobre a partir de temas sobre a juventude e o protagonismo político e a *burdening history* (História “difícil”) que envolvem discussões sobre a história vista como um fardo.

METODOLOGIA DA PESQUISA E ESTUDO PILOTO

A abordagem de metodologia qualitativa da *Grounded Theory* (Teoria Fundamentada) foi escolhida para nortear o processo da pesquisa. Este tipo de metodologia utiliza de forma constante o método comparativo e a coleta inicial tendo como objetivo conhecer a variedade de perspectivas do fenômeno “e por comparação constante, o investigador analisa as categorias de informação cruzando-as e voltando constantemente ao campo para verificá-las” (GAGO, 2007, P.167).

Os investigadores da *Grounded Theory* não têm o objetivo de teorizar sobre os atores individuais, mas sobre os padrões de ação e interação entre vários tipos de unidades sociais, entre processos de mudanças internas e externas (FERNANDES; MAIA, 2001).

De acordo com Fernandes e Maia (2001), a metodologia se dá por meio da recolha e da análise sistemática de dados que são indícios da realidade, cabendo ao investigador a interpretação e a conceptualização dessa realidade. As autoras ainda colocam que a criatividade suporta a sensibilidade teórica, sendo capaz de dar sentido e significados aos dados, estimulando a formulação de questões. Entende-se, portanto, que:

[...] os procedimentos da *Grounded Theory* são bem definidos no sentido de conduzir a interpretação com rigor e precisão, por outro [lado] permitem a criatividade necessária à ocorrência de um dos princípios básicos na construção de teoria: a interpretação e conceptualização dos dados (FERNANDES; MAIA, 2001, p. 54, grifo das autoras).

Para Gago (2007, p. 169), essa metodologia recorre ao empírico de forma processual, mas é interpenetrada pela mudança e pela variabilidade da realidade que é construída pelas pessoas. Sendo assim, existe a necessidade clara de construção de teoria e não apenas de descrição, como acontece em outras abordagens metodológicas. A teoria vai analisar dados similares e categorizá-los, interpretá-los “visando uma criação e um modelo conceptual dos significados” e das relações que possam existir entre esses mesmos significados.

A saber, a *Grounded Theory* apresenta algumas similaridades com outras teorias qualitativas, assumindo responsabilidade do seu papel interpretativo, focalizando as

experiências de seus indivíduos para tentar compreender seu mundo. A pesquisa em Educação Histórica partilha desse objetivo valorizando as experiências dos sujeitos e os significados que atribuem a elas.

O estudo piloto teve como objetivo formar o perfil dos alunos participantes do estudo através de um questionário dividido em duas partes, onde o primeiro fez o levantamento de dados do perfil dos sujeitos entrevistados a partir de um instrumento de recolha de dados, com questões abertas relacionadas ao cotidiano dos jovens e suas percepções sobre o conceito de juventude e de escola.

Os participantes que fizeram parte deste estudo eram alunos de uma turma da terceira série do Ensino Médio da escola particular São Tomaz de Aquino na cidade de Wenceslau Braz/PR. O total de estudantes no início da pesquisa era de 18, quando o estudo piloto foi aplicado no primeiro bimestre letivo, e foi finalizada com 17 alunos, no último bimestre letivo do ano de 2016.

Entre as questões da primeira parte do estudo piloto analisamos a ideia dos alunos acerca do conceito da juventude que mostrou que a maioria dos jovens a veem como uma fase de diversão e de preparação e perspectiva de futuro.

A partir de alguns autores sobre Pais (2003) e Dayrell (2003) compreendemos que o conceito de juventude deve ser estudado em sua diversidade. E desta maneira é importante levar em conta os aspectos sociais, culturais e econômicos dos jovens, pois, assim como afirma Pais é um abuso integrar o mesmo conceito de juventude a “universos sociais que não têm entre si praticamente nada de comum” (PAIS, 2003, p.30).

Para Juarez Dayrell a adolescência não pode ser entendida como um tempo de termina, como uma fase da crise. É preciso vê-la como parte de um processo mais amplo, que marca a vida de cada um de diferentes maneiras, e as transformações que ocorrem estão presentes por toda a vida.

As considerações sobre a concepção de juventude tanto das narrativas dos alunos quanto dos autores que estudamos pudemos entender este conceito apenas como parte de um processo mais amplo. Ou seja, muitas das generalizações feitas dificultam a reflexão de como os jovens se veem a partir de suas experiências. É preciso considerar que é muito variada a forma como cada sociedade lida com as transformações do indivíduo em determinada faixa etária “nas quais completam o seu desenvolvimento físico e enfrentam mudanças psicológicas”, dependendo da base em relação às condições sociais, culturais, questões de gênero e religiões (DAYRELL, 2003, p. 42).

A segunda parte do Estudo Piloto propôs que os alunos escrevessem uma narrativa a partir das duas situações históricas abaixo:

Caras Pintadas – 1992



Fonte: <http://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/jovens-de-caras-pintadas-9666114>

Jornadas de Junho – 2013



Fonte: <http://guia.folha.uol.com.br/cinema/2014/06/1465256-veja-eventos-que-abordam-as-manifestacoes-que-pararam-o-pais.shtml>

Quadro 1 – Estudo Piloto

O processo de análise dos dados foi realizado a partir dos pressupostos nas investigações conduzidas por Alves (2011), Barca (2007) e Gago (2012). Nos dois questionários aplicados, foi feita a organização de quadros analíticos. Sendo assim, o Estudo Piloto foi organizado nas seguintes categorias: marcadores históricos; protagonistas/agentes históricos; dimensões políticas, econômicas e sociais dos marcos históricos relacionados; conceito de segunda ordem denominado “mudança histórica”.

Os marcadores históricos relacionados pelos alunos foram o *impeachment* do presidente em 1992 com 18 citações, e 10 para o aumento dos 0,20 centavos nas manifestações de 2013. Para os alunos estes marcadores evidenciam mudanças de ordem política e econômica em tais eventos. Os protagonistas relacionados ao evento dos Caras Pintadas o presidente Fernando Collor de Melo foi citados por todos, houve apenas duas citações à presidente Dilma Rousseff.

Entre os marcadores históricos e os protagonistas citados pelos alunos nas narrativas, estão presentes alguns fatores que enfatizaram dimensões de caráter social e apontaram os acontecimentos como formas válidas para obtenção de direitos. O fragmento abaixo de uma narrativa demonstra essa percepção:

Débora¹: “A primeira situação é referente ao Impeachment do presidente Fernando Collor, representando o poder dos jovens e de toda população que desejava tirá-lo do poder, mostrando como temos poder em relação ao governo. Enquanto na segunda situação demonstra as Jornadas de Junho, greve que obteve grande repercussão em toda mídia, representando a voz que o povo possui, conquistando as suas reivindicações”.

Quadro 2 – Narrativas de jovens alunos (Débora)

Fonte: a própria autora

Outro marcador colocou a questão política no intuito de justificar os acontecimentos de 1992 e de 2013. Mesmo citando o aumento da passagem, traz a ideia de que as manifestações, que aconteceram em outros estados, tomaram proporções maiores por conta dos problemas políticos.

Joana: “Ambas aconteceram em consequência da política em nosso país, em 1992 foi um pedido de impeachment por causa do presidente F. Collor, e de 2013 foi por causa do preço da passagem de ônibus em São Paulo, mas tomou proporções maiores, em outros estados do país.”

Quadro 3 – Narrativas de jovens alunos (Joana)

Fonte: a própria autora

Entre as 18 narrativas, apenas oito fazem referência à mudança ou permanência histórica quando comparam os dois momentos. Entre elas, seis destacam que as manifestações de 1992/2013 ocorreram de fato pela insatisfação em relação ao governo, mas sem mudanças significativas.

Milena: “A grande diferença desses dois movimentos é que os ‘Caras Pintadas’ revoltados com o congelamento dos bens das pessoas nos bancos, provocado por Collor, conseguiram seu impeachment, já em 2013 muitas das reivindicações não foram atendidas”.

Quadro 4 – Narrativas de jovens alunos (Milena)

Fonte: a própria autora

Em síntese, podemos afirmar que os sentidos de mudanças nos relatos dos alunos ponderam aspectos positivos, assim como na narrativa de Milena, que mostra um “sucesso” nas manifestações de 1992. Por outro lado, aspectos negativos são mais evidentes nos acontecimentos de 2013, quando os alunos apontam que, mesmo insatisfeitos com o governo, com a corrupção e com o aumento de impostos, nada mudou, perdendo o foco e a força para a luta por alguma mudança efetiva.

1. Todos os nomes de alunos utilizados nesta pesquisa são fictícios.

ESTUDO PRINCIPAL – A *BURDENING HISTORY* E A APRENDIZAGEM HISTÓRICA

A aplicação do questionário piloto, além de formar o perfil dos sujeitos, permitiu-nos analisar a maneira que os jovens construíram uma narrativa histórica sobre dois momentos relacionados a manifestações políticas, o que embasou a elaboração do estudo principal. Desta maneira sentimos a necessidade de discutir com os alunos alguns temas que percebemos serem de difícil compreensão, como pudemos perceber nas narrativas apresentadas.

A *burdening history* ou história sobrecarregada traz para a o campo da Educação Histórica a oportunidade de trabalhar a aprendizagem histórica por meio de temas que trazem a experiência a assuntos “difíceis” ou controversos da história, como por exemplo, a escravidão, o nazismo, as ditaduras e centros de violação de direitos humanos.

Segundo o estudo de Schmidt (2015) *Aprendizagem da ‘burdening history’: desafios para a educação histórica*, a autora levanta a discussão sobre outra pesquisa realizada por ela em 2013 – *Os sentidos conferidos ao agir e os desafios par a aprendizagem e formação histórica de jovens brasileiros* – em que as narrativas produzidas pelos alunos apresentavam marcos e marcadores de mudanças históricas que sugeriam a ausência ou a exclusão de temas da *burdening history*, ou seja, os alunos evidenciaram em suas falas apenas temas com a “Era Vargas”, “Períodos JK” e “Era Collor”.

Apesar de evidenciarem em suas narrativas marcadores relacionados a guerras, ditaduras e terrorismo como impulsionadores de mudanças, causou preocupação o fato de que essa percepção não vinha acompanhada de posicionamentos ou argumentos de que esses marcadores estivessem articulados a processos de desumanização da própria humanidade. Ademais, não evidenciaram o envolvimento da história desses jovens na história do país e do mundo (SCHMIDT, 2015, p. 11).

Para Schmidt a percepção dos jovens que participaram de sua pesquisa sobre a história do Brasil mostrou falta de criticidade, evidenciando em suas narrativas apenas marcos históricos e personagens-chave para a história do país, a abordagem da história e o seu ensino na sala de aula “sinalizavam a forte presença de um modelo eurocêntrico, mais precisamente francês, de explicação histórica como estruturante da narrativa acerca da história do Brasil” (SCHMIDT, 2015, p. 11).

A partir de uma história permanente dos sujeitos, que não apresentam percepção de mudança, pois é representada por atores de memórias distantes dos alunos, não existe espaço de ação para novos indivíduos que possam construir saberes ou conhecimentos novos e proporcionar diferentes rumos para a História. A partir desse ensino, a aprendizagem histórica traduziria um único mundo possível, o que está sempre fadado ao mesmo fim. A ausência de temas, conflitos e acontecimentos controversos pode dificultar e até mesmo paralisar a formação do pensamento histórico.

Entre as produções do historiador Bodo Von Borries temos alguns referenciais acerca perspectiva de trabalho com a *burdening history*. A partir de um artigo publicado em 2011,

cujo título é *Coping with burdening history*, o autor afirma que esse tipo de aprendizagem histórica é mais difícil em relação às histórias de vitórias, glórias e satisfação, pois lidam com as experiências pesadas de danos, injúrias, culpa e vergonha, como os temas que envolver, por exemplo, o Holocausto.

A aprendizagem inclui processo de conflito e mudança como modo de atuação em relação à consciência histórica. Schmidt (2015), comentando sobre Bodo Von Borries, afirma que esse autor colocaria envolvimento dessa história pesada como um trabalho mental da consciência histórica. Para ele, esse envolvimento é muito complexo e, para que ocorra, é necessário que as pessoas tenham que se relacionar com o outro por meio de suas experiências, analisando os eventos históricos e suas interpretações.

Aprender sobre essa perspectiva provoca no aluno a possibilidade de conhecer seu próprio passado, assim como também o do outro, e a chance de reconhecer em si diferenças, proximidades e condições para reconciliação, muitas vezes, julgadas como impossíveis.

Através desta discussão sobre a aprendizagem histórica a partir de temas de conflito o estudo principal foi elaborado a partir de questões que abordaram o conceito substantivo Ditadura Militar Brasileira, para assim categorizar as narrativas a partir dos conceitos meta históricos relacionados à: explicação histórica, multiperspectiva e significância histórica.

A seguir, a primeira questão do estudo principal:

A partir da leitura da charge abaixo, responda:



1) Interprete a charge a partir de um momento político da história brasileira. Que momento é esse? O que o autor tentou retratar?

Quadro 5 – Instrumento de recolha de dados

Fonte: a própria autora

A intenção colocada pela questão é de conceber como os alunos elaboram uma explicação sobre um momento histórico. Segundo Alves (2011, p. 147), esse tipo de investigação permite elaborar um quadro analítico preliminar à cognição histórica. Os alunos, ao analisarem a charge, certamente indicarão conhecimentos prévios acerca do tema e uma mobilização mental na tentativa de explicação da resposta. A explicação histórica como conceito de segunda ordem permite compreender sobre aquele que responde quais ações, quais acontecimentos e quais situações do passado leva em conta para tomar tal perspectiva.

A categorização das narrativas dos alunos se deu do nível mais elaborado ao menos

elaborado, a partir de como relacionaram a charge diretamente ao tema a Ditadura Militar, se utilizavam elementos da charge para explicar o contexto histórico e ainda conseguiam a partir de um conhecimento histórico mais complexo explicar o conceito. Entre as narrativas que se destacaram colocamos:

André: *“O momento retratado se trata do período do regime militar sofrido pelo Brasil, que se deu desde o golpe militar em 1964 e se estendeu até 1985. Este momento político na história brasileira foi marcado por intensa repressão e tortura, visto que os militares governaram de maneira brusca pautada em características ditatoriais, onde aquele que discordava ou criticava as medidas tomadas pelo governo era fortemente punido, em certos casos exilado ou até mesmo morto. E muitas destas se deram pela tortura, que é o destaque da crítica presente na imagem em questão”.*

Quadro 6 – Narrativas do Estudo Principal – Descrições contextuais completas

Fonte: a própria autora

A resposta do aluno André propõe uma análise do período, marcado por ele temporalmente com o Golpe Militar (1964 - 1985). Aponta, ainda, a forma de governo conduzida pelos militares, evidenciando a repressão e a tortura como características de um governo ditatorial e relacionado o contexto histórico de forma organizada em relação à interpretação da imagem.

Os textos que propomos no estudo principal apontam duas percepções sobre a participação política da juventude na época, além disso, permitem aos seus leitores construir noções, concepções e posicionamentos de alguma forma sobre o referido tema, mobilizando as ideias históricas dos jovens alunos. A seguir, a proposta para sequência do estudo:

Leia com atenção os textos abaixo:

1. Em 1968 a Passeata dos Cem mil foi resultado de agitações estudantis pela morte de Edson Luís da Silva de 18 anos, morto pela polícia no restaudante universitário Calabouço. “O cadáver foi levado ao saguão da antiga Câmara Municipal, na Cinelândia, e a notícia do assassinato do quase menino de 18 anos se difundiu por todo o Brasil. Sessenta mil pessoas acompanharam o caixão mortuário na tarde do dia seguinte”. Em resposta à truculência policial, os estudantes saíram às ruas e tiveram apoio da população.

(GORENDER, Jacob. **Combate nas Trevas**. São Paulo: Ática, 2003.)

O grito da Passeata dos Cem Mil contra a ditadura militar

“Não pense que aplaudir e gritar ‘abaixo a ditadura’ é uma vitória. Hoje a repressão não veio porque não pôde. E a nossa vitória é esta: ter saído na rua porque achava que tinha que sair. Mas a gente vai voltar pra casa, o estudante pra aula, operário pra fábrica, repórter pro jornal, artistas pro teatro. E é em casa, no trabalho, que a gente vai continuar a luta”.

(Trecho do discurso de Vladimir Palmeira na Passeata dos Cem Mil, em 26 de junho de 1968, no Rio de Janeiro)

Em 13 de dezembro do mesmo ano, a ditadura endureceu ainda mais o regime com a edição do AI-5, em que o governo fechou o Congresso Nacional, deu-se a prerrogativa de suspender os direitos políticos de qualquer cidadão por 10 anos, cancelou o *habeas corpus* para crimes políticos e proibiu atividades e manifestações.

(VALLE, Fernando do. O grito da Passeata dos Cem Mil contra a ditadura militar. **Zonacurva** - Mídia livre em política e cultura. Disponível em: <<http://zonacurva.com.br/o-grito-da-passeata-dos-cem-mil-contra-a-ditadura-militar/>>. Acesso em: 29 out. 2016.)

2. A guerrilha provocou o endurecimento do regime militar

“Alguém poderá dizer que a reação dos militares ao terrorismo foi exagerada. A ditadura passou um trator de tortura em cima de um punhado de jovens com ideias ingênuas, que dificilmente teriam força para tomar o poder. Isso pode ser verdade, mas não era seguro pensar assim naquela época (p. 209).

[...] Os militares e a polícia recorreram tanto à tortura para destruir os grupos de luta armada porque eram pouco experientes na arte de investigar e perseguir suspeitos. Em duas grandes movimentações do exército naquela época, mais de mil soldados cercaram menos de dez guerrilheiros, sem conseguir agarrá-los” (p. 213).

(NARLOCH, Leandro. **Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil**. Rio de Janeiro: Leya Casa da Palavra, 2011.)

A partir dos dois textos apresentados, analise as duas opiniões sobre o acontecimento respondendo: **Qual delas você acha que se aproxima mais das discussões sobre a Ditadura Militar Brasileira? Justifique.**

Quadro 7 – Instrumento de recolha de dados – Textos sobre a Ditadura Militar

Fonte: a própria autora

Através desta questão sobre a escolha do texto que os alunos consideram mais válido para a Ditadura Militar, tivemos a intenção de compreender como eles lidam com mais uma perspectiva sobre o mesmo contexto histórico, constituindo-se um trabalho sobre a provisoriedade da explicação histórica, integrando a noção de multiperspectiva.

As narrativas dos alunos foram analisadas a partir da caracterização das respostas, como as de nível mais elaborados, que se basearam na forma como interpretam as evidências, de maneira a pensar a história em várias perspectivas, compreendendo que as fontes podem falar de diversas maneiras, como demonstrado na narrativa abaixo:

André: “Ambas apresentam comentários válidos para a discussão sobre tal período. A primeira aponta a visão mais “democrática” sobre este momento, onde o foco era expor a vontade do povo e destacar as atrocidades do governo. A segunda apresenta quase que uma justificativa para o problema evidenciado na primeira. Esta, por sua vez, aponta a inexperiência do exército brasileiro no momento, e seu desespero para conter atividades por grupos armados. Ambos os pontos devem ser evidenciados ao se debater sobre a ditadura, contudo, a primeira evidencia com mais sucesso o abuso dos militares”.

Quadro 8 – Narrativas: Estudo Principal – Multiperspectividade (André)

Fonte: a própria autora

Infere-se que o aluno procura interpretar as narrativas utilizando o argumento de comparação para chegar à versão mais válida, que é ligada aos textos de Fernando do Valle e de Jacob Gorender. Analisa, ainda, que a versão escolhida é mais coerente mediante a justificativa de como ela foi construída pelos autores, pois envolve um discurso a favor do povo, o que não acontece no último texto, quando o autor evidencia o ponto fraco dos militares. Portanto, demonstra uma perspectiva mais crítica sobre os textos.

A seguinte questão foi colocada aos alunos, para que respondessem, a partir de seus conhecimentos, fatos que apresentam a história do regime militar no Brasil como uma história de conflito.

A Comissão Nacional da Verdade foi criada em 2012 com o objetivo de promover a apuração e o esclarecimento público das violações de direitos humanos praticados no Brasil durante o período de 1946-1988, na intenção de contribuir também para o preenchimento das lacunas existentes na história de nosso país. A historiadora Lília Moritz Schwarcz atribui esse período de violação dos direitos humanos como mais uma história vergonhosa do país. **Você concorda com essa denominação? Que fatos do passado confirmam essa posição?**

Quadro 9 – Instrumento de recolha de dados – Segunda questão

Fonte: a própria autora

Entre o período citado na questão sabemos que durante os anos que ocorreram a Ditadura Militar Brasileira houveram vários crimes que feriram os direitos e a civilidade do povo brasileiro, principalmente entre os que se opunham ao regime. Com a intenção de debater este tema, propomos esta questão para mobilizar os sentidos históricos sobre um momento de conflito, para que fosse possível mobilizar também a empatia sobre tal acontecimento.

Entre os conceitos meta históricos que decidimos evidenciar nesta questão está a significância histórica, pois ela fundamenta a compreensão do conteúdo histórico e nos aponta como os sujeitos envolvidos naquela aprendizagem relacionam tal forma de conhecimento na cultura histórica e escolar. Segundo Ribeiro a significância histórica como conceito de segunda ordem se constitui de operações cognitivas complexas, que envolvem no “processo de atribuição de “importância” a fatos e eventos, a capacidade de

interpretação, compreensão, julgamento e avaliação dos fatos históricos, dos agentes em seu contexto de atuação, bem como das narrativas históricas que circulam na escola e na sociedade”. (2013, p. 7),

Entre as respostas que obtivemos, destacamos a narrativa de Caio:

Caio: “*Sim, foi mais uma de tantas histórias vergonhosas, e foi uma das mais vergonhosas, pela sua violência, ignorância, mal e danos irreparáveis causados ao nosso povo*”.

Quadro 10 – Narrativas: Estudo Principal – *Significância histórica*

Fonte: a própria autora

O aluno Caio pontua que o mal causado pela violência e pela ignorância policial é uma marca vergonhosa da história e que causou um “mal irreparável ao nosso povo”. Por conta dessas palavras, entendemos que o aluno compreende as consequências da Ditadura Militar além do período vivido e que o pensa através de uma temporalidade estendida a outras gerações, pois dá a ideia de que não é possível consertar tais atos cometidos no passado e que essas marcas permanecem na história.

A última questão de nosso questionário buscou entender quais significados tem a luta estudantil na década de 1960 apresentados no fragmento do texto de Fernando do Valle para a o presente. A questão foi elaborada da seguinte forma:

Segundo o texto de Fernando do Valle, a luta iniciada nas ruas pelos jovens estudantes, pelos operários e pelos artistas, em 1968, continuaria em outros espaços. Na sua opinião, você acredita que aquelas reivindicações permanecem até hoje, de que forma?

Quadro 11 – Instrumento de recolha de dados – Terceira questão

Fonte: a própria autora

Todos os alunos responderam a questão proposta, as ideias apresentadas se dividiram em duas opiniões: a primeira ideia demonstra que as manifestações ainda são *meios de luta* para obtenção de direitos - totalizando 12 narrativas- a outra perspectiva vê as manifestações apenas como *parte da luta*- com 5 respostas.

Dentro desta ideia de manifestações apenas como *parte da luta* para a obtenção de direitos, a resposta da aluna Milena se destacou em meio às outras, pois evidencia fatores sobre a participação política que nenhum outro aluno mencionou. Segundo a jovem:

Milena: “*Com o tempo as ideologias se transformaram, o embasamento das reivindicações se tornou mais frágil, havendo apenas uma diminuta parcela que exige seus direitos cumprindo os seus respectivos deveres. São poucos os que possuem conhecimento apropriado em relação às causas pelas quais estão lutando, o restante na maioria das vezes sofre alienação*”.

Quadro 12 – Narrativas: Estudo Principal (Milena)

Para Milena, existe uma pequena porção de pessoas que, ao reivindicarem algo, reconhece que é preciso cumprir deveres. A percepção dessa necessidade traz sobre si uma consciência política e ética e marca o diferencial da luta e da efetiva conquista por direitos. Entendemos que, por meio da narrativa da aluna, exista a preocupação de que a conscientização seja o início da ação, agregando a ela valores a serem respeitados e integrados à luta, para que de forma mais eficiente tome força e significado.

A discussão sobre os questionamentos levantados por esse Estudo Principal teve a intenção não somente de compreender o que esses jovens sabem sobre o conceito substantivo Ditadura Militar Brasileira, procuramos também provocar a percepção dos alunos a partir de uma história que é gerada por meio de temas de conflito, para aproximar o conhecimento que possuem de questões pertinentes do nosso presente.

CONCLUSÃO

Concluimos esta investigação retomando a nossa questão inicial, realizada sobre a ótica da formação da consciência histórica e da aprendizagem no campo da Educação Histórica. Assim sendo, refletimos sobre a formação do pensamento político dos jovens entrevistados a partir de momentos da história do Brasil em que a participação juvenil foi presente e atuante, como os Caras Pintadas/1992 e as Jornadas de Junho/2013, e também sobre os conceitos meta-históricos em estudo que envolve um tema de conflito: a Ditadura Militar Brasileira.

A partir do trabalho realizado, percebemos que esses jovens compreendem a importância existente na discussão do tema, porém, entre as narrativas que analisamos, uma parcela dos jovens apenas reproduz e afirma o que foi proposto. Diante da totalidade dos jovens, são poucos os que apresentam pensamentos mais elaborados, ou seja, aqueles que apresentam em suas narrativas a negação de determinados padrões e que procuram explicações para suas carências fora da zona de conforto.

Entendemos, em síntese, que a aprendizagem por meio do conhecimento crítico é fundamental para a construção da sociedade, assim como a busca por uma melhor educação, que hoje se constitui através de lutas diárias pela comunidade escolar. Nosso intuito com este trabalho foi pensar, a partir da educação, uma proposta para aprender e ensinar temas políticos ou uma História “difícil” de ser praticada, com intenção de suprir as necessidades sociais. Acreditamos que, pela liberdade de expressão exercida por manifestações democráticas, mantemos e conquistamos nossos direitos, essenciais para a prática da cidadania. Com esse desafio, tomamos este estudo como forma de pensar e de refletir sobre a educação e o seu ensino.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ronaldo Cardoso. **Aprender História com Sentido para a Vida: Consciência Histórica em estudantes brasileiros e portugueses.** 2011. 322f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- BARCA, Isabel. Marcos de Consciência Histórica de jovens portugueses. **Currículo sem Fronteiras**, v.7, n.1, jan./jun. 2007, pp. 115-126.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, pp. 40- 53, set./out./nov./dez. 2003.
- FERNANDES, E.; MAIA, A. *Grounded theory*. In: FERNANDES, E. M.; ALMEIDA, L. S. (Ed.). **Métodos e técnicas de avaliação: contributo para a prática e investigação**, Braga: Universidade do Minho, 2001, pp. 49-76. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/4209>>. Acesso em: 30 ago. 2016.
- GAGO, Marília. **Consciência histórica e narrativa na aula de história: concepções de professores.** 2007. 418f. Tese (Doutorado em Educação - Metodologia do Ensino de História e das Ciências Sociais) – Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia, Braga, 2007.
- _____. **Construtivismo e multiperspectiva no processo de aprendizagem.** Moçambique, EPM-CELP, 2012.
- LEE, Peter. Em direção a um conceito de literacia histórica. **Educar em Revista**, Curitiba, n. especial, Dossiê Educação Histórica, Ed. UFPR, 2006.
- _____. Literacia História e História Transformativa. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 60, abr./jun. 2016, pp. 107-146.
- PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis.** 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003.
- RIBEIRO, Regina M. O. **A construção de sentidos históricos: cultura histórica e atribuição de significância em narrativas de estudantes do ensino fundamental**, 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/2oRavr9>>. Acesso em: 30 mar. 2017.
- RÜSEN, Jörn. **Teoria da História I: Razão Histórica.** Tradução de Estevão Rezende Martins. Brasília: Ed. UNB, 2001
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Aprendizagem da “*burdening history*”: desafios para a educação histórica. **Mneme – Revista de Humanidades**, Dossiê Ensino de História, v. 16, n. 36, jan./jun. 2015, pp. 10-26.
- _____. Jovens brasileiros, consciência histórica e vida prática. **Revista História Hoje**, v. 5, n. 9, 2016, pp. 31-48.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 103, 146, 163, 201

Afrocentricidade 87

Aldeamentos 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 32

Analogia sabática 33, 34, 35

C

Campo religioso 57, 58

Candomblé 58, 65, 70, 71, 72, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 93, 97

Caudilhos 113, 120

Colonialidade 21, 70, 72, 73, 75, 76, 79, 80, 83, 84, 85

Cristo 33, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 62

D

Decolonialidade 70, 72, 73, 79, 84

Discursos políticos 124

Diversidade 30, 49, 57, 77, 79, 82, 83, 96, 97, 146, 151, 153, 155, 161, 178, 198

E

Educação 1, 14, 20, 33, 45, 46, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 77, 78, 84, 87, 95, 97, 164, 174, 175, 176, 177, 178, 181, 187, 188, 189, 201

Educação Histórica 45, 49, 174, 175, 176, 178, 181, 187, 188

Ensino de História 45, 56, 188, 189, 198

Ensino religioso 45, 46, 47, 50, 52, 53, 54, 55

Eric Hobsbawm 136, 137

Escravidão 22, 23, 24, 28, 29, 30

F

Força 22, 28, 29, 46, 50, 54, 57, 59, 77, 90, 102, 110, 125, 141, 180, 184, 187

Fronteiras 78, 79, 83, 112, 113, 115, 122, 131, 133, 134, 188, 195

G

Governo 17, 18, 26, 58, 59, 124, 125, 126, 130, 131, 180, 183, 184, 185

Guerra 2, 3, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 27, 47, 48, 59, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 127, 131, 133, 134, 150, 156

H

História da América Latina 13

História do Tempo Presente 13, 79

I

Identidade 14, 15, 16, 19, 20, 22, 30, 31, 50, 52, 76, 80, 91, 93, 109, 113, 115, 122, 138, 143, 144, 165, 168, 192, 195, 199

Ideologia 48, 50, 136, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145

Indígena 13, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 96, 165, 166, 171

Irmandades 63, 93, 94, 97, 98, 99, 101, 103, 104, 105, 107, 108, 112

J

Jogos de Escalas 98, 101

M

Machado de Assis 57, 58, 67

Movimentos Sociais 13, 21, 73, 103

N

Nação 16, 19, 35, 89, 110, 122, 128, 129, 136, 138, 142, 143, 151, 196, 199

Nacionalismos 136, 142

Negras 65, 72, 87, 93, 94, 97, 98, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 111

P

Província 113, 114, 118

R

Religiosidades 53, 57, 67, 86, 90

Republicanos liberais 124, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 135

S

Sábado 33, 34, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 148

T

Território 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 91, 104, 119, 125, 167, 193

Tradição inventada 136, 137, 142

Transgeracionalidade 87, 92

Z

Zapatismo 13

 **Atena**
Editora

2 0 2 0